



Artigo Original

Vivências de mães com filhos abusados sexualmente: uma abordagem fenomenológica

Experiences of mothers with sexually abused children: a phenomenological approach

Sara Soares dos Santos¹
 Luiza Taciana Rodrigues de Moura¹
 Venâncio Sant'Anna Tavares¹
 Daniel Dias Cruz¹
 Melissa Negro-Dellacqua²
 Victor Emmanuell Fernandes Apolônio dos Santos¹

¹Universidade Federal do Vale do São Francisco

²Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Com o objetivo de compreender a vivência de mães que tiveram filhos abusados sexualmente, realizou-se esse estudo qualitativo com abordagem ancorada na fenomenologia existencial de Merleau-Ponty. Participaram da pesquisa oito mães de crianças abusadas sexualmente. Os dados foram coletados durante o atendimento da criança numa unidade de emergência por meio de uma entrevista individual não estruturada. A análise de dados apontou para marcas de dor, negação, ambivalência; sentimentos peculiares que devem ser entendidos como parte do fenômeno e como alguém que também precisa de ajuda. Como conclusão, foi enfatizado a necessidade de acompanhamento dirigido não apenas a criança ou adolescentes abusados, mas a toda família, em especial a mãe que assume o papel protetor.

Palavras-chaves: Abuso sexual na infância; Relações familiares; Assistência Integral à Saúde.

Abstract: With the goal of understanding the experience of mothers who had daughters (the) sexually abused, this qualitative study approach anchored in existential phenomenology of Merleau-Ponty. The participants were eight mothers of sexually abused children. The data were collected during the care of a child in the emergency unit by means of an unstructured individual interview. The analysis of data pointed to marks of pain, denial, ambivalence; feelings that must be understood as part of the phenomenon and as someone who also need help. As a conclusion, it was emphasized the need for monitoring directed not only the child or teen abused, but the whole family, especially the mother who assumes the protective role.

Keywords: Child abuse, sexual; Family relations; Comprehensive health care.

1. Introdução

O abuso sexual infantil se define como o envolvimento de crianças em atividades sexuais, nas quais não compreendam completamente, ou não possuem maturidade suficiente, e que por isso não estão aptas para dar o consentimento esclarecido, ou que violam as leis da sociedade. O abuso sexual infantil demonstra-se pela atividade entre uma criança e um adulto, ou outra criança ou adolescente em uma idade ou um nível de desenvolvimento superior que presume uma relação de poder ou confiança com vítima¹. Esta forma de violência pode se apresentar sob as formas de indução ou ameaça de uma criança a se envolver em atos sexuais, e inclui comportamentos como: carícia, penetração e expor uma criança a atividades sexuais².

Desde que o serviço de Disque Denúncia Nacional se tornou responsabilidade do governo federal e da secretaria especial de direitos humanos, em maio de 2013, foram realizados 2.484.755 atendimentos até julho de 2010, bem como recebidas e encaminhadas para órgãos responsáveis, 130.872 denúncias de violência contra crianças e adolescentes em todo território brasileiro. A maioria das denúncias referiam-se a casos de tráfico para fins de exploração sexual, pornografia e abuso sexual envolvendo crianças e adolescentes³.

No âmbito global, estudos têm demonstrado que o abuso sexual na infância interfere nos fundamentos sólidos para uma vida saudável e produtiva, capazes de causar danos potenciais a criança com impactos no desenvolvimento futuro que vão desde transtornos graves de comportamentos antissocial, depressão até problemas de aprendizado escolar, abuso de substâncias psicoativas e doenças sexualmente transmissíveis, incluindo o vírus da imunodeficiência humana (HIV)⁴.

Cada uma das formas de maus tratos está ligada a fatores de risco e proteção e abordagens eficazes para prevenção². Dentre elas, a família pelo papel que exerce na criança influencia a forma de enfrentamento da situação vivida. E o papel da mãe, recebe especial destaque ao significado na manutenção da sensação de proteção de seu filho³. Assim, as experiências subjetivas da mãe vão ocupar um papel significativo na cena, conforme será tratado neste artigo.

Diante desse contexto, o presente estudo tem como objetivo: compreender a vivência de mães que tiveram filhos abusados sexualmente e que foram acolhidos em uma unidade de emergência pediátrica, recebendo apoio e contribuindo com o aprimoramento do ser-profissional frente à este tipo de situação; como também incentivar a conversa aberta sobre a temática.

Nesse sentido, a fenomenologia de Merleau-Ponty surge como uma possibilidade de desvelar o ser por meio do fenômeno, vendo o significado das coisas tal qual elas se manifestam a partir da visão dos próprios indivíduos que o vivenciam, com o qual as coisas se explicam em si mesmas e não por meio de suas causas e efeitos. Assim, o ver é uma experiência humana com sentido humano que não precisa da ciência natural para explicá-lo⁵.

Ao buscar compreender o significado das experiências, o referencial da fenomenologia pode trazer contribuições valiosas, pois possibilita o entendimento do homem enquanto ser existente no mundo, vivenciando facticidade que alteram o modo de perceber e se relacionar com o mundo e com toda as coisas em volta. Ao contemplar o homem nas suas múltiplas dimensões, a enfermagem permite uma assistência com mais consideração e cuidado⁶.

2. Percurso metodológico

O cuidar em enfermagem revela significados únicos e legítimos, que revela os sentimentos de cada ser, abrindo caminho para a significação de vivências tanto de quem cuida quanto de quem é cuidado. Sustentando esse cuidado a uma perspectiva da fenomenologia, cita-se o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, que carrega a preocupação do ser humano como corpo sujeito, pela qual se constrói e se torna mundo individual e está inserido no mundo e em uma situação de tempo e espaço circunstancial, que contribui para expressividade do sujeito⁷. Para tanto, buscou-se o olhar compreensivo da abordagem fenomenológica que possibilita um compartilhar de experiências das mães a partir das suas relações.

Esta pesquisa foi desenvolvida durante o atendimento das crianças em uma Unidade de Emergência no município de Petrolina, PE. Participaram do estudo oito mães captadas a partir da busca ativa diária de casos de abuso sexual via prontuário, e passiva por meio dos profissionais da saúde do hospital que trabalham no setor. As participantes eram maiores de idade e respondiam legalmente pela criança.

Os dados foram coletados nos meses de julho de 2014 a janeiro de 2015, por meio de uma entrevista individual não estruturada, conduzidas pela seguinte questão norteadora: Como foi para você vivenciar o abuso sexual de seu filho(a)?

As participantes foram esclarecidas sobre os objetivos da pesquisa, e conforme aceitações, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em seguida, se aplicou o formulário de caracterização de perfil das participantes e a partir desse momento as gravações foram feitas em ambiente reservado, e transcritas na íntegra garantindo o sigilo e anonimato dos participantes por meio da utilização de nomes de pedras preciosas.

A análise das falas foi feita seguindo os quatro momentos sugeridos por Martins e Bicudo⁸: 1º- Leitura integral de cada entrevista para compreensão geral do sentido do texto; 2º- Releitura de cada texto, em busca de falas significativas que focalize o fenômeno estudado dentro da perspectiva do pesquisador, as quais serão denominadas de unidades de significados; 3º- Transformação das unidades de significados em uma linguagem do pesquisador, através da reflexão e imaginação, em busca dos elementos convergentes e divergentes das unidades de significados, visando encontrar os temas em comum para formação das categorias temáticas; 4º- Síntese do pesquisador, que articula os sentidos contidos em todas as unidades de significados transformadas a uma descrição consistente das experiências do sujeito.

O estudo observou as orientações da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética e Deontologia em Estudos e Pesquisas da Universidade Federal do Vale do São Francisco sob protocolo nº 0009/220114.

3. Resultados

As categorias provenientes da vivência das mães com seus filhos abusados sexualmente foram: "sentimentos no momento da quebra do segredo", "a percepção da mãe sobre o abuso sexual sofrido por seus filhos" e "a reafirmação do cuidado como ferramenta de defesa":

3.1 Sentimentos no momento da quebra do segredo

O processo de desvelamento do abuso foi vivenciado de formas distintas pelas mães e na maior parte dos casos aqui estudado, o acontecimento foi relatado diretamente a mãe, por ser a pessoa de confiança da criança e em momentos de conversa e interação mais íntima:

Quando foi um dia eu estava indo mais ele, quando ele lamentou para mim e disse: Mainha eu estou imaginando chegar na casa de painho. Eu perguntei e ele disse: Mainha, não fale para ninguém, por que eles disseram que se eu falar, eles me matam no dia que eu for pra lá [...] Mainha, eu estou contando, porque eu não estou aguentando mais. (Turquesa, 56 anos, divorciada, ensino fundamental incompleto, filho de 8 anos, agressores: os filhos da madrasta).

Os primeiros sentimentos partilhados pelas mães ao receber a notícia foram de profundo desespero, dor, tristeza e conflitos internos que aos poucos se somavam aos questionamentos. Em suas reflexões, buscavam causas e explicações para essa situação:

Eu fui tirar a fralda dele e estava suja, toda suja de sangue. Eu fui olhar direitinho e estava cortado mesmo, então foi onde disseram: Mãe, o que seu filho teve foi um abuso. Eu disse: Não pode, como? Como pode acontecer uma coisa dessa? (Safira, 46 anos, divorciada, analfabeta, filho de 7 anos, agressor: o pai).

Depois da confirmação de que houve abuso sexual, as primeiras horas foram as horas mais críticas. As mães relatam a necessidade de um apoio para tomada de decisão, pois se sentiam desamparadas. Como uma forma de eliminar os sentimentos ruins, algumas mães também relataram a vontade de fugir da situação:

Ninguém sabe como uma mãe sente nesses casos quando a gente passa por isso. É muito duro. Você tenta e estou procurando chão e não estou encontrando [...] queria deitar, dormir e talvez demorar

bastante para acordar e cada vez que eu dormisse, que cada vez que eu acordasse que tivesse sido só um pesadelo. (Esmeralda, 36 anos, casada, ensino médio incompleto, filha de 11 anos, agressor: desconhecido).

Eu estava fazendo um trabalho na casa de meu pai, na internet, quando ela veio e me falou e eu não aguentei. Só fiz gritar, fui me deitar e a vontade era de dormir e nunca mais acordar (Ametista, 30 anos, união estável, ensino médio completo, filha de 7 anos, agressor: o padrasto).

3.2 A percepção da mãe sobre o abuso sexual sofrido por seus filhos

Ao discorrerem sobre o que aconteceu com seus filhos, as reações das mães variaram entre a negação da violência até mesmo aceitação e a certeza dos fatos, ainda que não seja possível atestar. O conflito ocorria quando o agressor era um membro da família ou alguém da confiança da genitora, assim os sentimentos se voltavam a renegação ou ambivalência, como foi visto na fala de Safira:

Eu não acredito que foi o pai que fez isso. Isso daí eu não tenho medo de jeito nenhum. E se eu soubesse eu diria, porque nós não estamos mais junto. Na minha cabeça não dá não ser isso daí. (Safira, 46 anos, divorciada, analfabeta, filho de 7 anos, agressor: o pai).

Ainda que, as mães saibam da possibilidade do abuso sexual intrafamiliar, confrontar essa realidade, é vivenciar uma luta com seus próprios sentimentos, na qual a figura materna encontra-se dividida entre acreditar no relato do filho e protegê-lo ou ignorar e recusar-se a acreditar na traição pelo seu companheiro:

Eu queria ter certeza. Eu queria estar era acordada para ver. Para saber se era verdade, como a assistente social diz: No fundo, no fundo a gente sabe que elas estão falando a verdade [...] esse tipo de verdade que por mais que exista é difícil de acreditar [...] eu só queria saber se ela está falando a verdade e parar com essa dúvida. O que eu fico mais assim é porque ele em momento nenhum saiu do meu pé. (Ametista, 30 anos, união estável, ensino médio completo, filha de 7 anos, agressor: o padrasto).

No relato da mãe Diamante, o sentimento e a certeza de fazer o que é certo é a motivação para suportar o impacto do abuso e as implicações da sua conduta, garantindo um espaço de acolhimento e proteção para a criança:

Não tem nenhuma comprovação, mas eu sinto que eu estou fazendo a coisa certa [...] não importa se o mundo desabe na minha cabeça hoje[...] ela não sabe como se defender e o mais se vier, não importa (Diamante, 35 anos, solteira, ensino superior completo, filha de 2 anos, agressor: conhecido da família).

3.3 A reafirmação do cuidado como ferramenta de defesa

As mães em determinados momentos, se mostraram em processo defensivo reafirmando seu cuidado e sua responsabilidade em relação a criança, desvelando assim, o medo de julgamentos e o sentimento de culpa por não conseguirem proteger seus filhos:

Eu me preocupo bastante com isso e é uma coisa que a gente fala direito. Eu sou desconfiada com todo mundo. Eu não deixo eles nem com o meu pai. Eu não deixo com ninguém. Eu cuido direitinho. Eu ligo pra escola, brigo com professor, brigo com aluno [...] sou aquela que vira um barraco, mas eu vou atrás. E aí acontece uma coisa dessa. (Ônix, 31 anos, casada, ensino fundamental incompleto, filho de 9 anos, agressor: o avô paterno).

Eu estou sofrendo tanto por causa disso. É muita dor sem explicação. Eu tenho pena. Eu preferia que fosse em mim e não nela. Sempre tentei proteger ela de tudo. (Pérola Negra, 42 anos, união estável, ensino médio incompleto, filha de 11 anos, agressor: desconhecido).

Pôde-se perceber, o sentimento de impotência em relação ao papel protetor da mãe e o pressentimento de que todo empenho para proteger e cuidar foi inútil:

O dia todinho, toda hora eu digo a ela: Tenha cuidado. Não fique andando por aí. Os gostos dela eu fazia. Se alguém chamar você para entrar em carro você não entre. Ela não tem pai. O pai dela já morreu. Eu que sou a mãe e pai dela. Sempre faço tudo por ela e agora isso daí acontece (Rubi, 40 anos, viúva, ensino fundamental incompleto, filha de 12 anos, agressor: desconhecido).

4. Discussão

O desvelar do abuso é consequência da interação de diversos fatores como a individualidade da vítima, a espontaneidade para relatar, a confiança na pessoa, a disponibilidade para escutar, a reação e o momento mais oportuno para revelar. Trata-se de um passo delicado que pode levar um determinado tempo, e qualquer atitude precipitada pode interromper o processo⁹.

Para essas mães, esse momento se mostrou não como um evento, mas um conjunto de conflitos e sentimentos dolorosos, na qual ela precisará juntar os fatos e sinais numa espécie de quebra-cabeça. À medida que as informações vão surgindo, a compreensão da realidade vai tomando o sentido até chegar no processo interno de aceitação do que aconteceu com sua criança⁹.

Ao vivenciar a notícia, as mães podem apresentar reações diversificadas como positiva, quando acreditam na veracidade do relato de seus filhos e procuram as redes de apoio social; negativa, quando não acreditam e mantêm-se ao lado do abusador, por vezes culpabilizando o menor pelo ato; ou ambivalente, quando se encontram divididas entre o relato de seus filhos e do abusador¹⁰.

Entretanto, o fato de negar do abuso sexual não significa que as famílias recusem ajuda, mas pode indicar que estão assustadas, que se sentem incapazes de lidar com a situação⁹. Nesse tipo de situação, o suporte materno, pode estar associado a outros fatores como o relacionamento das mães com os agressores e o grau de dependência, a história materna de abuso sexual, idade e o gênero das vítimas¹¹.

O discernimento de uma verdade é bem mais do que a simples existência de uma ideia incontestada, é a fé imediata naquilo que se mostra, ele supõe interrogação, dúvida, ruptura com o imediato e a correção de um erro possível. Assim, todo racionalismo admite pelo menos um absurdo e só é possível permanecer no absurdo quando toda afirmação é suspensa e há um confinamento em uma interrogação, que envolve uma resposta, e por isto se opor a verdade não a negação da verdade, mas um simples estado de não-verdade ou de equívoco¹².

As entrevistas também motivaram discussões quanto os sentimentos de impotência e excesso de culpa por não terem conseguido proteger seus filhos. Algumas vezes essas mulheres podem desenvolver funções adaptativas que as impulsionam aprender com as experiências ou que podem ser somatizadas em distúrbios, devido excesso de culpa⁹. Além disso, podem desencadear ideias suicidas e homicidas, e conseqüentemente provendo desamparo às vítimas¹³.

Ao mesmo tempo em que o Ser atribui a si a culpa por não o proteger, vivenciam os sentimentos de raiva e ciúme. De fato, a mãe é de igual modo vítima da violência intrafamiliar. Ao darem conta de que não conseguem exercer o papel materno inicial de proteção de seus filhos concebida pela violência sofrida, em seu pensar vivenciam o remordimento¹⁴.

Quando a circunstância existencial do papel da maternidade concebe em seu pensar, o ser se lança em si mesmo, não conseguindo entender sua condição existencial. Antes de aceitar o fracasso ou voltar atrás, o sujeito, nesse impasse existencial, faz voar em pedaços o mundo objetivo que lhe barra o caminho e procura em atos mágicos uma satisfação simbólica¹².

A intervenção psicoterapêutica é uma importante estratégia para o enfrentamento da situação, uma vez que proporciona um espaço para trabalhar sentimentos ambivalentes relacionados à descoberta do abuso. Além disso, a intervenção pode reforçar a decisão de notificar o abuso, fazendo com que a pessoa se sinta segura e perceba as consequências positivas de sua atitude, receba orientação quanto aos encaminhamentos e trâmites que se seguem após esse momento e ainda trabalhar as expectativas em relação ao sistema judiciário¹⁵.

Frente a este cenário, em que tanto mãe quanto criança são vítimas da violência sexual, a tomada de decisão e o suporte profissional às genitoras são fundamentais para evitar danos secundários, formas traumáticas de intervenção e garantir o direito dos envolvidos na situação. Dessa forma, é imprescindível uma rede de suporte social articulada, constituída de profissionais qualificados, que possibilitam um ambiente protetor e afetivo à criança e à família. Além disso, é necessário que o profissional reconheça os sentimentos desencadeados pela situação, a fim de não os banalizar ou julgá-los incorretamente¹⁶.

Diante da complexidade do abuso sexual e toda a dinâmica familiar, deve-se considerar que este estudo possui como limitação o número reduzido de participantes, impedindo assim, a generalização e a relação de causa. Além disso, as percepções refletem apenas um momento do processo vivido por essas mães. Assim, sugere-se estudos com seguimentos maiores, como também o aprofundamento dos fatores psicossociais.

Entretanto, os resultados deste estudo podem contribuir para reflexão dos profissionais quanto o reconhecimento e a compreensão dos sentimentos vivenciados por mães de crianças abusadas sexualmente, e, assim, favorecer a propiciar uma assistência qualificada livre de julgamentos, para que elas possam se sentir encorajadas a enfrentar a situação.

5. Considerações finais

O abuso é um problema que envolve não somente a criança ou o adolescente, mas toda família, e que deve ser levado em consideração, desde a sua percepção até suas reações, visto que isso determinará diretamente nos resultados e na continuidade do tratamento domiciliar. Na visão das mães esta experiência foi marcada por dor, negação, dúvida e culpa expressa pela reafirmação do cuidado; sentimentos peculiares que os levam à diversos mecanismos de defesa e que devem ser entendidos como parte do fenômeno, como alguém que também precisa de ajuda.

O fato da mãe receber ou não apoio altera a forma de enfrentamento do caso, pois, ela pode se posicionar de forma protetora ou omissa, conseqüentemente são figuras fundamentais que precisam de atenção e acolhimento adequado. Dessa forma, os achados dessa pesquisa apontam para a importância do acompanhamento dirigido não somente à criança ou aos adolescentes vitimados, mas também a toda família, em especial à mãe, figura fundamental que precisa de atenção e acolhimento, de modo a conhecer os sentimentos e reações vividas por essa, proporcionando amparo e garantia dos direitos da criança e da família.

7. Referências Bibliográficas

1. World Health Organization. Report of the consultation on child abuse prevention, 29–31 March. Geneva: World Health Organization; 1999. 55p.
2. Fortson BL. et al. Preventing child abuse and neglect: A technical package for policy, norm, and programmatic activities. Atlanta, GA: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention; 2016. 47p. Disponível em: <https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/can-prevention-technical-package.pdf>
3. Lima, JA, Alberto, MFP. O Olhar de Mães acerca do Abuso Sexual Intrafamiliar Sofrido por suas Filhas. *Psicol cienc prof*, 2015; 35 (4): 1157-70. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000401157&lng=pt&tlng=pt

4. Sumner SA, Mercy AA, Saul J, et al. Centers for Disease Control and Prevention (CDC). Prevalence of sexual violence against children and use of social services - seven countries, 2007-2013. *MMWR Morb Mortal Wkly Rep.* 2015; 64(21):565-69. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/pdf/wk/mm6421.pdf>
5. Heidegger M. *Ser e tempo*. Trad. Márcia de Sá Cavalcante. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2005. 325p.
6. Esquivel DN, Silva GTR, Medeiros MO, Soares NRB, Gomes VCO, Costa STL. Produção de estudos em enfermagem sob o referencial da fenomenologia. *Rev baiana enferm* 2016; 30(2):1-10. Disponível em: https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/15004/pdf_51
7. Silva AA, Terra MG, Motta MGC, Leite MT, Padoin SMM. Enfermagem e cuidado de si: percepção de si como corpo existencial no mundo. *Rev. enferm. UERJ* 2013; 21(3):366-70. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/enfermagemuerj/article/view/7525>
8. Martins J, Bicudo MAV. *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*. 5.ed. São Paulo (SP): Editora Centauro; 2005.
9. Santos, SS, Dell'aglio, DD. O processo de revelação do abuso sexual na percepção de mães. *Psicol teor prat* 2013; 15(1): 50-64. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000100004
10. Santos SS, Dell'aglio DD. Compreendendo as mães de crianças vítimas de abuso sexual: ciclos de violência. *Estud. psicol. Campinas* 2008; 25(4): 595-06. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a14v25n4>
11. Baia PAD, Magalhaes CMC, Veloso MMX. Caracterização do suporte materno na descoberta e revelação do abuso sexual infantil. *Temas psicol.* 2014; 22 (4): 691-00. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000400002
12. Merleau-Ponty M. *Fenomenologia da percepção*. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5.ed. São Paulo (SP): WMF Martins Fontes; 2006 p.662.
13. Marafon P, Scortegagna SA. Suporte materno mediante o abuso sexual infantil: revisão de literatura. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia* 2017; 8(1): 119-34. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/26108/20401>
14. Lima JA, Alberto FP. Vivências maternas diante do abuso sexual intrafamiliar. *Estudol Psicol* 2010; 15(2): 129-36. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v15n2/01.pdf>
15. Dell'aglio DD, Moura A, Santos SS. Atendimento a mães de vítimas de abuso sexual e abusadores: considerações teóricas e práticas. *Psic Clin* 2011; 23 (2): 53 – 73. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pc/v23n2/05v23n2.pdf>
16. Batista V, More CLOO, Krenkel S. A tomada de decisão de profissionais frente a situações de abuso sexual infanto-juvenil: uma revisão integrativa. *Mudanças – Psicologia da Saúde* 2016; 24 (2): 49-63. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v24n2p49-63>

Artigo Recebido: 16.09.2017

Aprovado para publicação: 01.02.2018

Melissa Negro-Dellacqua

Universidade de Santa Catarina -UFSC Campus de Araranguá.

Rod. Gov. Jorge Lacerda, 3201 – Jardim das Avenidas

88906072 – Araranguá, SC – Brasil

Telefone: (48) 37216255

Email: melissanegroluciano@gmail.com
